

A TERRITORIALIDADE DO EMPREENDEDORISMO CULTURAL: A EXPERIÊNCIA IDENTITÁRIA DA ORGANIZAÇÃO ILÊ AIYÊ

THE TERRITORIALITY OF CULTURAL ENTREPRENEURSHIP: THE IDENTITY EXPERIENCE OF ILÊ AIYÊ ORGANIZATION

Joyce Neri dos Reis Neves

Universidade Federal da Bahia

joyce.nrn@gmail.com

Eduardo Davel

Universidade Federal da Bahia

davel.eduardo@gmail.com

Submissão: 02/04/2022

Aprovação: 25/01/2023

RESUMO

Este caso para ensino proporciona uma aprendizagem voltada para: (a) entender a importância da relação entre empreendedorismo e território, (b) conhecer e discutir a experiência identitária como perspectiva territorial significativa para pensar o empreendedorismo e (c) identificar e discutir como a territorialidade pode ser promissora no desenvolvimento do empreendedorismo no campo das artes e da cultura, tendo como público alvo os estudantes de administração, empreendedorismo e gestão cultural. O caso consiste na experiência de um estudante de administração que estuda sobre o empreendedorismo cultural e elege o Bloco Afro Ilê Aiyê para um trabalho pedagógico. Assim, ele conversa com várias pessoas estratégicas da organização para compreender o que torna o Ilê Aiyê uma organização inovadora do ponto de vista da cultura. A cada diálogo, são apresentadas as inovações culturais do bloco, sobretudo as relações entre empreendedorismo, cultura, experiência, identidade e territorialidade no Ilê Aiyê.

Palavras-chave: empreendedorismo, território, experiência identitária, empreendedorismo cultural, empreendedorismo artístico.

ABSTRACT

This teaching case allow us to develop a learning process focused on: (a) understanding the importance of the relationship between entrepreneurship and territory, (b) knowing and discussing the identity experience as a significant territorial perspective to think about entrepreneurship and (c) identifying and discussing how territoriality can be promising in the development of entrepreneurship in the field of arts and culture, targeting students of administration, entrepreneurship and cultural management. The case consists of the experience of a business student who studies cultural entrepreneurship and chooses the Afro Ilê Aiyê Block for a pedagogical work. Thus, he talks to several strategic people in the organization to understand what makes Ilê Aiyê an innovative organization from the cultural point of view. With

each dialogue the block's cultural innovations are presented, especially the relationships between entrepreneurship, culture, experience, identity and territoriality at Ilê Aiyê.

Keywords: entrepreneurship, territory, identity experience, cultural entrepreneurship, artistic entrepreneurship

1. Caso para ensino

1.1 De onde viemos

Robson tem 20 anos e cursa o quinto semestre de sua graduação em administração em uma prestigiada universidade. Neste semestre, Robson escolheu cursar a matéria de “empreendedorismo cultural”, onde, ao final da matéria, os estudantes devem apresentar um artigo sobre um empreendimento de sua escolha. Para seu artigo, o jovem logo lembrou do bloco afro fundado por seu avô Carlos. Embora o bloco tivesse sido fundado por seu avô, o jovem pouco sabia sobre a organização e por isso tinha dúvidas se realmente se tratava de um empreendimento cultural. Diante de suas indagações, Robson procurou o professor da matéria para saná-las.

- Olá, professor Edson! Tudo bem?
- Tudo, Robson! Em que posso ajudar?
- Estou em dúvida se a organização que escolhi para a minha pesquisa é realmente um empreendimento cultural.
- Ok. Vamos começar lembrando o que é empreendedorismo cultural. Você consegue se lembrar do que discutimos em nossas primeiras aulas?
- Eu me lembro que você falou que empreendedorismo cultural se refere à criação e busca de novas ideias por aqueles que se engajam em atividades artísticas e culturais e quem aplicam, compartilham e distribuem o trabalho criativo e cultural.
- Robson, é importante lembrar que empreendedorismo cultural possui uma forte ligação com a inovação.
- Esse conceito eu não me lembro muito bem, professor. Poderia me explicar melhor?
- Assim como empreendedorismo, a inovação é um conceito complexo, onde é difícil se chegar a um consenso. Se compilarmos as várias definições, podemos dizer que inovação é o processo criativo pelo qual ideias novas ou melhoradas são desenvolvidas e aplicadas com sucesso para produzir resultados práticos e de valor.
- Entendi, o conceito agora ficou mais claro!
- Muito bem! Agora, como esses conceitos se aplica a organização escolhida por você?
- Bom, não conheço a organização a fundo, mas sei que eles criariam e desenvolveram diversas atividades culturais ao longo de sua história e que essas atividades se diferenciam por serem inovadoras.
- Excelente, Robson. Acredito que a organização seja adequada para seu trabalho. Mas lembre-se, a inovação é a chave do empreendedorismo, por isso verifique se as atividades desenvolvidas pelo grupo são realmente inovações culturais!

Naquela tarde, Robson foi à casa de seu avô para conversar sobre como surgiu o bloco, já que ainda não conhecia muito bem a história de como o bloco virou o símbolo do bairro da Liberdade na cidade de Salvador, Bahia.

Ao chegar na casa do avô, Robson tocou a campainha e foi recebido por sua tia avó Hilda, irmã de Carlos. Ela também participaria da conversa naquela tarde. Robson tinha muito o que aprender com eles e estava bastante empolgado. Ao saber que seu neto havia chegado, Carlos, também conhecido como “vô Carlinhos”, foi ao encontro de Robson na sala de sua casa.

- Robson, meu menino! Como está você?
- Estou bem, vô Carlinhos! – Disse o jovem animado. – Estou muito empolgado para conhecer mais sobre a história do bloco que o senhor ajudou a fundar. Acredito que vá me render um artigo muito bom! Vamos começar?
- É tanta história que não sei nem por onde começar! – Afirmou Carlos, enquanto ria. – Bem, vou começar contextualizando como era toda a coisa na época. Como você sabe, toda nossa família é adepta do candomblé e vivíamos no terreiro de sua bisavó, Mãe Estela. Era um lugar que nos reuníamos não só para nossos compromissos religiosos, mas também para celebrar datas comemorativas.
- Tipo o quê, vô? - Indagou o jovem.
- Todo tipo, Robson. Carnaval, São João, tudo que você possa imaginar. Sua bisavó era muito conhecida aqui no bairro. O terreiro dela, hoje comandado por sua tia avó Hilda, era como uma casa para todos. Eu, meus irmãos, meus amigos, muita gente do bairro frequentava lá. E foi lá que nossa história começou.
- Aqui no bairro tem bastante terreiro, não é?
- Sim, meu filho. Sua bisavó contava que quando ela chegou no bairro, lá em 1930 aos 7 anos de idade, a Liberdade era um bairro só de negros. Esses negros eram filhos de escravos libertos e era possível encontrar ainda alguns africanos aqui. Nosso bairro é essencialmente negro desde a sua origem.

Mãe Estela sempre contava essa história. Ela dizia que quando chegou aqui, só haviam negros no bairro e foi assim por bastante tempo. Diante disso, o surgimento de terreiros pelo local aconteceu naturalmente e ainda era possível encontrar vários no território da L, como o que pertenceu a Mãe Estela. Embora Mãe Estela já tivesse falecido, o terreiro continuava existindo e contando com a participação massiva dos integrantes do bloco afro.

- Então, Robson. – Continuou Carlos. – Com o tempo a Liberdade foi atraindo mais pessoas, de diferentes etnias, mas ainda é o bairro com a maior população negra do Brasil. Apesar de Salvador ser uma cidade com o maior número de negros fora da África, nós não tínhamos acesso a quase nada na época em que o Ilê surgiu.
- Como assim?
- Bom, existiam vários blocos de carnaval na cidade, todos compostos por pessoas brancas. Nós negros só podíamos participar se fosse para segurar as alegorias deles ou como cordeiros, um verdadeiro absurdo. Eles diziam que não existia racismo na cidade, mas faziam seleção para escolher seus integrantes e nós nunca éramos escolhidos. Foi então, em 1974, que eu e meu amigo Paulo tivemos a ideia de criar um bloco só pra negros. Na época isso não existia, o máximo que tinha eram os blocos de origem indígena e eles já estavam caindo no esquecimento. O que se via era um carnaval europeu em uma cidade repleta de negros.

Nesse momento, Hilda saiu da cozinha para se juntar ao irmão.

- Naquele ano, seu avô e Paulo resolveram criar um bloco afro como nunca visto. Começamos com poucas pessoas, cerca de 100 integrantes. Mais pessoas iriam sair, mas terminaram desistindo em cima da hora com medo de represália policial. A polícia acompanhou o bloco durante todo o desfile, com medo que causássemos problema. Um bloco somente de negros era algo que nunca havia sido visto nesse país, foi uma verdadeira revolução. – Afirmou Hilda.
- O que mais inspirou vocês?

- Robson, a nossa maior inspiração foi a cultura negra que já era presente aqui no nosso bairro, mas que era negligenciada na sociedade. A população aqui era quase toda de origem africana, com uma forte presença das religiões dessa matriz. Nossa música, nossas roupas, nossos valores, tudo veio da religião. Naquela época isso não existia.
- Apesar disso, sua bisa sempre deixou claro que, embora a religião fosse uma de nossas inspirações, ela não deveria ser exposta sem necessidade. Nós respeitamos muita nossa religião e tem coisas que não devem ser públicas, expostas para todos. - Disse Carlos. – A Liberdade era um bairro muito rico culturalmente, com uma grande influência da cultura africana na religião, vestimentas, culinária e festividades.
- De onde vem o nome Ilê Aiyê?
- Foi mais uma ideia de sua Bisa. A princípio, Carlos pensou em colocar o nome “Poder Negro”, mas sua bisavó disse que não era original, já que o nome era usado pelos movimentos afro-americanos nos Estados Unidos. Foi aí que ela sugeriu o nome Ilê Aiyê, que significa “casa do povo negro”. O terreiro de Mãe Estela era a grande casa que recebia a todos e ela queria que o Ilê fosse uma grande casa que recebesse todo esse povo negro excluído, nossa família e amigos.
- Que legal! Como surgiu esse ritmo que vocês tocam, vovô? - Perguntou o jovem.
- É melhor você ir conversar com Paulo, aquele meu amigo que me ajudou lá no início. Ele é o responsável pelo ritmo que nos guia.

1.2 O ritmo que nos guia

Robson saiu da casa de vovô Carlinhos ainda mais empolgado. Enquanto se dirigia a casa de Paulo, foi observando tudo o que seu avô havia falado sobre o bairro. Ele nunca tinha prestado atenção nos detalhes, mas agora as coisas pareciam mais claras. Toda a força da cultura negra se mostrava presente na Liberdade e Robson conseguia visualizar de onde veio a inspiração para a criação do Ilê agora.

Ao chegar na casa de Paulo, encontrou o homem sentado na varanda de casa a sua espera. Carlos já havia avisado que o menino estava a caminho.

- Oi, senhor Paulo! – Disse o jovem em tom de animação. – Estou fazendo um trabalho sobre o Ilê e vovô Carlinhos me falou para vir conversar com o senhor.
- Pode entrar, meu filho. Em que posso te ajudar?
- Então, eu queria saber mais sobre o samba-afro, o ritmo que vocês tocam.
- Naquela época, em 1974, quando o Ilê surgiu, a musicalidade do carnaval era basicamente uma cópia do carnaval europeu, com marchinhas. Como você deve imaginar, marchinhas com inspiração europeia não representavam a ideia do Ilê em nada. Era um bloco de negros para negros, como iríamos tocar algo assim? Foi aí que eu e mais alguns amigos tivemos a ideia de criar o que chamamos de samba-afro.
- Como ocorreu isso, senhor Paulo?
- Nós nos inspiramos em dois ritmos essencialmente negros que faziam parte da nossa vida aqui no bairro. Um dos ritmos era o samba, presente nas escolas de samba que existiam aqui no bairro, como os Filhos da Liberdade. Na época que a gente surgiu, as escolas não existiam mais, mas ainda eram lembradas e o samba era muito presente no bairro, em suas festividades. O outro ritmo foram as batidas de candomblé, como o ijexá.
- Você acha que essa iniciativa foi inovadora? Se sim, poderia dizer o porquê?
- Com certeza! Nós misturamos essas duas batidas, uma de origem africana e a outra de origem afro-brasileira e criamos o samba-afro, que é o ritmo que se tornou a cara do Ilê, mas, mais do que isso, esse nosso ritmo causou uma revolução no carnaval.
- Você poderia explicar mais detalhadamente como ocorreu essa revolução?

- O samba-afro inspirou a criação de novos ritmos, como samba-reggae e o axé, mudando completamente a musicalidade baiana. Essa não era nossa intenção na época, nós só queríamos levar a cultura afro, que era forte aqui no bairro, para avenida. Queríamos mostrar o quão rico culturalmente o nosso bairro era.
- Como vocês podem ter certeza de que o samba-afro foi realmente o responsável por essa transformação musical?
- Todos esses outros ritmos surgiram depois do nascimento do Ilê e através de ex-membros do bloco, que usaram as batidas do samba afro como base.

Paulo seguiu explicando a Robson como a cultura africana, presente no dia a dia do bairro, chegou até a avenida no primeiro ano que o Ilê saiu. Além do ritmo inovador, os integrantes saíram pelas ruas entoando canções na linguagem nagô, presente nas músicas tradicionais africanas de candomblé, a qual a mídia se referiu como “língua embolada”.

- Para nós aqui, a linguagem nagô fazia parte da nossa religiosidade, das nossas festividades, mas, para a mídia, era uma coisa totalmente nova e inesperada. A cultura africana, forte aqui na Liberdade, ainda era desconhecida na cidade e no Brasil. Nós fomos pioneiros em levar essa cultura para o resto do país.

Paulo contou a Robson que para criar o samba-afro, foram necessários muitos anos de aprendizado nas batidas tradicionais do candomblé e do samba. Era algo que fazia parte da comunidade e que estava presente na vida de muitos deles desde a infância. As letras que acompanhavam as batidas eram fruto de muita pesquisa sobre a história africana.

- No primeiro ano em que saímos na avenida, a música tema foi “Que bloco é esse”. Foi tão marcante que virou a nossa música mais famosa. Com o passar dos anos, as músicas temas se tornaram uma forma de contar a história africana sob nossa ótica.
- Você falou que os criadores dos ritmos derivados do samba-afro vieram do Ilê. Quem são essas pessoas?
- Neguinho do Samba, criador do samba-reggae do Olodum; Carlinhos Brown, criador da Timbalada; Beto Jamaica, do grupo de pagode “É o Tchan” e muitos outros. Todos esses grupos ícones foram inspirados pelo Ilê Aiyê. Nós somos o primeiro bloco afro do Brasil, Robson.

Robson seguiu conversando um pouco mais com Paulo sobre o Ilê, até que começou a se questionar de onde surgiu a ideia das vestimentas. Embora Paulo soubesse bastante coisa sobre o bloco, esse não era um assunto que dominava. Sendo assim, sugeriu que Robson procurasse Lara, uma das irmãs de vovô Carlinhos e também sua tia avó.

Como já era tarde, Robson achou melhor visitar Lara no dia seguinte. Ele ligou para a tia avó e comentou sobre o trabalho que estava fazendo. Lara prontamente concordou em ajudar o jovem e marcou a visita para o dia seguinte.

1.3 A cultura que nos veste

No dia seguinte, Robson acordou cedo, pois iria se encontrar com sua tia avó Lara no terreiro de Mãe Estela antes de ir para faculdade. Robson já estava acostumado a ir lá, visto que toda sua família fazia parte do terreiro e muitas das reuniões familiares aconteciam lá. Assim que chegou, dirigiu-se a uma grande sala, onde Lara se encontrava sentada costurando.

- Oi, tia Lara! Vim te incomodar hoje! – Disse o jovem em meio a risadas.

- Pois pode incomodar! Vou te contar tudo que eu sei.
- Excelente! Ontem eu estive com senhor Paulo para saber mais sobre o samba-afro e hoje estou aqui porque quero saber de onde surgiu a ideia para as vestimentas do Ilê. Tem alguma coisa a ver com as roupas utilizadas aqui no terreiro?
- Acertou em cheio, meu filho. Como você sabe, eu sou a responsável pelas nossas roupas até hoje. Desde pequena gostava de ver Mãe Estela vestir os orixás aqui, sempre achei fascinante. As cores, as amarrações, os turbantes, tudo me parecia fantástico.

Lara explicou que faltavam poucos dias para o bloco sair na avenida e ainda não se tinha uma ideia do que os integrantes iriam vestir. Foi quando Carlos a procurou e pediu ajuda. Logo ela se pôs a trabalhar e achou inspiração nas amarrações usadas nas vestimentas tradicionais do candomblé e nas cores e estampas usadas pelas rainhas africanas que ela via nas revistas.

- Na época, o negro andava como se fosse invisível. Não se via nossa gente usar roupas coloridas como hoje em dia, era uma moda importada dos Estados Unidos, com calça boca de sino e cabelo *black power*, mas aqui no bairro nós já tínhamos pessoas que usavam com orgulho indumentárias de origem africana, como turbantes, tranças nagôs e dreads. Indo de encontro ao que a sociedade considerava aceitável, nós escolhemos cores bem fortes e marcantes para nos representar.
- E como foi a reação das pessoas na avenida?
- Foi um verdadeiro choque. Nós chegamos lá com roupas inspiradas na cultura africana, cabelos trançados, cores fortes. Dançando coreografias com inspirações africanas ao som de um ritmo nunca antes visto e com letras que eles não conseguiam entender. Todas essas características vieram das nossas experiências, do nosso dia a dia aqui no bairro. Nossa maior inspiração para inovar foi a cultura afro presente em cada detalhe daqui, dos conhecimentos pessoais de cada morador que estava presente no bloco.
- Isso tudo é muito interessante, tia Lara. – Disse o jovem. Mas por que isso deveria ser considerado uma inovação?
- Nós inovamos na forma de criar vestimentas carnavalescas. Criamos nossos tecidos e estampas, já que na época isso não existia aqui. Tudo feito com muita pesquisa e engajamento. Na época, não existia nada de origem africana, além do que nós carregávamos conosco de cultura. Hoje em dia, a cultura afro representa essa cidade e vai muito além das alegorias carnavalescas. Na rua principal aqui da Liberdade você encontra uma grande quantidade de lojas destinadas à cultura afro, vendendo todo tipo de item. Isso tudo é fruto do nosso trabalho.
- Entendi. Podemos concluir então que, no início, a cultura do bairro foi a inspiração de vocês para o Ilê, mas parece que com o tempo o Ilê que passou a inspirar o bairro.
- É, Robson, acho que podemos dizer que foi isso mesmo.

Robson saiu da casa de Lara bastante satisfeito com a conversa. O jovem pensou em voltar a casa de seu avô Carlos para mais uma conversa. Ele já havia colhido uma grande quantidade de informações para o seu trabalho, mas achava que ainda faltava algo. Aproveitou que ainda tinha tempo sobrando antes de ir para sua aula e foi para casa do avô. Através das conversas, Robson havia concluído que as atividades culturais do bloco eram de fato inovações e agora queria compreender os impactos dessas inovações no território da Liberdade.

1.4 O que nos tornamos

Robson chegou a casa do avô para colher as informações que faltavam para iniciar seu artigo. Ele já havia aprendido como tudo começou, mas agora queria compreender como as inovações haviam mudado o bairro e a cidade. Para ajudar nessa tarefa, seu avô Carlos havia

convidado seu amigo Roberto para lhe ajudar. Roberto era responsável por uma das principais inovações culturais do Ilê, a Noite da Beleza Negra. Além disso, estava por dentro de todas as atividades culturais do bloco e era a pessoa mais adequada para ajudar Robson com seu trabalho.

-Robson, convidei Roberto para lhe ajudar hoje. – Disse Carlos ao se aproximar do Neto. Eu vou começar conversando um pouco mais com você sobre o que sei e Roberto irá complementar com tudo que ele sabe. Está bem assim?

- Está sim, vô Carlinhos. Podemos começar.

- Toda a ideia do Ilê surgiu em 1974, mas nós só saímos de fato no carnaval de 1975. A nossa saída evidenciou a fragilidade do conceito de igualdade social que existia na época. Não foi fácil, fomos muito julgados pela população dominante e pela mídia. Um jornal chegou até a nos chamar de bloco racista porque somos um bloco apenas para negros.

- É verdade. – Enfatizou Roberto. – Ainda estávamos na ditadura militar, a presença policial era muito forte e algumas pessoas tinham medo, mas, no geral, nós não ligamos para isso. Saímos mesmo assim, levando toda a cultura presente na Liberdade para a avenida.

- E depois desse primeiro desfile, como a coisa se desenrolou? - Perguntou o menino.

- Depois disso o bloco cresceu muito, Robson. O que começou como uma brincadeira, virou uma verdadeira força política. Como você sabe, hoje temos uma série de empreendimentos culturais de valorização da cultura afro-brasileira e de desenvolvimento social e educacional.

- Comentou Carlos. – Um exemplo disso é a Noite da Beleza Negra, criada por Roberto.

- Eu tive a ideia de criar a Beleza Negra inspirado pelas rainhas africanas. Quando começamos, existiam concursos de beleza, mas nenhum permitia mulheres negras. Diante disso, pensei que poderíamos inovar com a criação de um concurso totalmente diferente dos tradicionais. Resolvi criar um concurso que enaltecesse a mulher negra e sua beleza tão única, aliando isso à cultura e à história afro. Tínhamos mulheres lindas aqui no bairro que nunca tiveram a oportunidade de participar de um concurso por puro preconceito.

- Que triste, senhor Roberto.

- Pois é, Robson. O concurso começou aqui no bairro com o objetivo de enaltecer a beleza negra muito presente aqui. Com o tempo, o concurso foi crescendo e ganhando espaço na sociedade até chegarmos no nível que é hoje.

- Você falou que inovaram com a criação desse concurso. O que diferencia a Noite da Beleza Negra de um concurso de beleza tradicional?

- É o primeiro concurso de beleza negra do país e o maior do mundo. O concurso se tornou uma ferramenta de transformação da mentalidade das mulheres negras do país, que passaram a se enxergar como merecedoras de um lugar de destaque. A Noite da Beleza Negra promove a visibilidade dessas mulheres afro-brasileiras marginalizadas, indo muito além do carnaval. Mais do que um concurso de beleza, é uma ação política contra a marginalização da mulher negra, acostumada a ter sua beleza altamente sexualizada.

- E no que mais vocês acham que o Ilê contribuiu no desenvolvimento da identidade cultural do bairro e da cidade?

- A Liberdade é um lugar muito rico culturalmente, sempre foi, mas, apesar disso, sofre com a precariedade de serviços básicos, como a educação. Por conta desses problemas, nós buscamos oferecer acesso à educação, arte e cultura para os moradores do bairro e adjacências. Queremos que as crianças de agora cresçam orgulhosas do bairro de onde vieram, da cultura afro que aqui vive. – Disse Roberto.

- O Ilê virou o símbolo do bairro, não se fala da Liberdade sem se citar o bloco. Tem até essa obra nova agora do governo, que quer revitalizar nosso bairro.

- Eu soube até que vão pintar com as ruas cores do bloco. O que vocês acham disso?

- Acredito que seja um reconhecimento pelos anos de trabalho cultural e social do Ilê. A ideia é que nosso bairro seja um corredor cultural cada vez mais reconhecido, capaz de atrair visitantes de todo o mundo. O Ilê se tornou a marca registrada da Liberdade, oferecendo arte, cultura, educação e o desenvolvimento de políticas públicas com base na nossa descendência africana. – Comentou Carlos.

Roberto seguiu explicando a Robson como a riqueza plástica e sonora do Ilê Aiyê foi capaz de expressar a cultura afro-brasileira, traduzindo tudo isso para o contexto específico da realidade baiana. Através de seus empreendimentos, o Ilê busca desenvolver seu território de atuação, ao passo em que é inspirado pelas características culturais, sociais e históricas do bairro.

Após a conversa na casa do avô, Robson seguiu para faculdade, animado com tudo que havia aprendido até agora. Ele havia coletado muitas informações interessantes e acreditava que seriam de grande valia para a matéria.

Após a aula, o jovem voltou para casa, pegou suas anotações e se sentou à frente do computador. Agora era a hora de organizar todo o material que coletou nas entrevistas com seus parentes e amigos e seu artigo sobre o empreendedorismo cultural do Ilê Aiyê e suas inovações. Agora que tinha todas as informações organizadas, chegou a hora de escrever o tão esperado artigo. Mãos à obra!

1.5 Informações complementares

Sofrendo influência do posicionamento dos negros norte-americanos entre os anos 1960 e 1970, através de movimentos como *Black Panthers* e *Black Power*, a Associação Bloco Carnavalesco Cultural Ilê Aiyê (Figura 1) nasce em 1º de novembro de 1974, no Curuzu, bairro da Liberdade em Salvador, Bahia (ILÊ AIYÊ, 2020). O bairro da Liberdade conta com a maior população negra do país, com mais 600 mil habitantes, tendo sido batizado com tal nome em homenagem aos esforços pela independência da Bahia. O bairro da Liberdade também era local de concentração de muitos quilombos, no período que antecedeu a abolição da escravidão, em 1988 (AFOLABI, 2016). Atualmente, o território da Liberdade é conhecido por suas expressões culturais de origem africana, sendo considerado um local de vanguarda da negritude (AFOLABI, 2016).

Fundado por Antônio Carlos dos Santos, conhecido como vovô do Ilê, juntamente com Apolônio de Jesus e outros, o Ilê surgiu como o primeiro bloco afro do Brasil, com um discurso baseado na autoafirmação através de representações culturais africanas (SILVA, 2016). Politicamente representativo, o bloco se destacou em um cenário onde o negro não se posicionava, sendo a primeira instituição brasileira a enaltecer a identidade negra (AFOLABI, 2016).

Figura 1 - Logo oficial do Ilê Aiyê



Fonte: Ilê Aiyê (2020)

1.5.1 Principais inovações culturais

O bloco afro Ilê Aiyê ocupa posição de destaque no estado da Bahia graças as suas várias inovações de sucesso. Tendo sido o primeiro bloco afro do país, o Ilê possui uma série de inovações nos campos cultural e social. Dentre elas, podemos destacar o samba afro da Band'Aiyê, a Noite da Beleza Negra e Escola Mãe Hilda, além de sua vestimenta inconfundível.

1.5.2 Samba Afro da Band'Aiyê

A Band'Aiyê (Figura 2) é a banda oficial do Ilê Aiyê, formada atualmente por 10 músicos em shows menores e mais de 100 músicos durante o carnaval. Famosa por suas batidas marcantes, iniciou sua trajetória sob tutela do Mestre Bafo, o primeiro mestre da percussão do bloco. O mestre é responsável pela criação do “samba afro”, ritmo tocado exclusivamente pelo Ilê Aiyê (ITAÚ CULTURAL, 2018). O ritmo surgiu a partir da fusão do samba tocado nas antigas escolas de samba e blocos de índio de Salvador, com os toques dos tambores do candomblé (ILÊ AIYÊ, 2020). É importante ressaltar que o samba afro é diferente do samba reggae, criado pelo Mestre Neguinho do samba (ex-integrante do Ilê Aiyê e Olodum). O samba afro do Ilê provocou uma revolução na musicalidade do carnaval baiano, inspirando outros blocos afros como Araketu, Olodum, Muzenza e Malê de Balê em suas batidas (ILÊ AIYÊ, 2020).

Figura 2 – Band'Aiyê



Fonte: Ocupação Ilê Aiyê (2018)

1.5.3 A indumentária do Ilê Aiyê

As roupas do Ilê Aiyê são famosas por suas cores vibrantes e chamativas, tendo se tornado uma assinatura do grupo ao longo do tempo. O bloco surge com uma estética diferenciada em uma época em que não era comum que negros utilizassem roupas com cores fortes ou acessórios que pudessem chamar a atenção. As atitudes racistas da sociedade brasileira apareciam de forma muito clara no carnaval baiano, onde o governo do estado repassava instruções específicas aos blocos, proibindo fantasias e tambores de origem africana (AFOLABI, 2016). Em resposta à censura, o Ilê Aiyê protesta através da sua estética, africanizando o carnaval com suas vestimentas e levando para avenida peças que exaltam a identidade do povo negro. Através das peças desenvolvidas por Dete Lima (Figura 3), irmã de Vovô e estilista do bloco, o Ilê foi pioneiro não só em sua fundação, mas também em adotar uma identidade visual fora dos padrões exigidos pelo governo do estado.

Figura 3 - Dete Lima e ajudante arrumando candidata à Deusa do Ébano



Fonte: Acervo próprio (2020)

1.5.4 Noite da Beleza Negra

A Noite da Beleza Negra (Figura 4) é um evento pré-carnavalesco de promoção da cultura e beleza afro, sendo o primeiro concurso de beleza do país voltado somente para mulheres negras. O concurso, que elege a Deusa do Ébano, começou de forma simples, em um terreno próximo à casa de Mãe Hilda Jitolú, com a participação de algumas poucas mulheres do bairro. Ainda sem nome, as candidatas trajaram vestimentas simples, improvisadas com lençóis por Dete Lima, estilista da entidade. A vencedora, Maria de Lourdes Cruz, conhecida como Mirinha, eleita em 1976, saiu como Deusa do Ébano em um Jipe pela avenida. Em 1979, Sérgio Roberto, primo de Vovô, vendo o potencial do concurso, teve a ideia de criar um modelo de concurso similar aos tradicionais de carnaval, como “a rainha do carnaval”, porém, com modelos diferentes (AFOLABI, 2016).

O evento, que escolhe a Deusa do Ébano, surge em uma cidade majoritariamente negra, cerca de 80%, mas que adotava o modelo de beleza europeu difundido como o ideal no Brasil (AFOLABI, 2016). Diante disso, a Noite da Beleza Negra é pensada como uma estratégia pelo Ilê Aiyê para combater o modelo de beleza vigente no país, promovendo o empoderamento das mulheres negras e a sensação de orgulho em relação a sua beleza natural.

Figura 4 - Candidatas à Deusa do Ébano 2020



Fonte: Acervo próprio (2020)

1.5.5 Escola Mãe Hilda

A escola Mãe Hilda (Figura 5) iniciou oficialmente suas atividades no ano de 1988 dentro do terreiro de candomblé Ilê Axé Jitolú, comandado por Mãe Hilda Jitolú que sempre viu o terreiro como um espaço de educação. A ideia da escola surge como uma forma de dar continuidade ao seu trabalho de orientação, bem como regularizar o que já acontecia dentro do terreiro, onde suas filhas ministravam aulas de reforço para crianças a comunidade.

Figura 5- Escola Mãe Hilda funcionando no terreiro Ilê Axé Jitolú



Fonte: Itaú Cultural (2018)

A escola trabalha com aspectos da cultura afro-brasileira, com textos extraídos dos Cadernos de Educação, provenientes no projeto de extensão pedagógica do Ilê Aiyê. Em geral, os cadernos contam o tema do carnaval do Ilê do referido ano, apresentando riqueza de conteúdo, imagens e símbolos relacionados à cultura afro (SANTANA, 2019). Os cadernos são patrocinados pela Comissão Municipal de Educação e Cultura, servindo não só para a educação da comunidade baiana, como também para professores e escolas fora do Brasil (AFOLABI, 2016).

2. Síntese das Notas de Ensino

2.1 Sinopse

O caso narra a jornada de Robson, estudante de administração, em busca do histórico do Ilê Aiyê para a realização de um texto sobre empreendedorismo cultural. Através de entrevistas com membros estratégicos da organização, Robson coleta informações cruciais sobre o bloco afro para compreender o caráter empreendedor do Ilê Aiyê e de suas atividades culturais. Ao discutir a experiência identitária do Ilê Aiyê através de suas inovações culturais, o caso suscita reflexão sobre identidade, experiência territorial e empreendedorismo cultural em uma organização emblemática na cidade de Salvador, deixando os desafios propostos bem nítidos para a análise e a discussão em sala de aula.

2.2 Objetivos educacionais

O público-alvo do caso é variado, incluindo estudantes de Administração, empreendedorismo e gestão cultural.

O objetivo geral do caso é fomentar discussão sobre a relação entre empreendedorismo, cultura e território. A partir do caso, pretende-se:

- Entender a importância da relação entre empreendedorismo e território;
- Conhecer e discutir a experiência identitária como perspectiva territorial significativa para pensar o empreendedorismo;
- Identificar e discutir como a territorialidade pode ser promissora no desenvolvimento do empreendedorismo no campo das artes e da cultura.

2.3 Fonte de Informações

O caso do empreendedorismo cultural do Ilê Aiyê foi escrito com situações e personagens fictícios, baseados em informações da realidade empírica, obtidas através de uma pesquisa qualitativa, com base em uma etnografia audiovisual. O objetivo da pesquisa foi estabelecer e discutir as relações entre empreendedorismo cultural, territorialidade e identidade a partir de do empreendedorismo cultural do bloco afro Ilê Aiyê. A etnografia audiovisual produz e comunica conhecimento sobre cultura, gerando uma compreensão etnográfica mais ampla e focada (DAVEL et al., 2019). Mais do que uma simples representação da realidade, o registro audiovisual potencializa a compreensão das experiências humanas, propiciando a produção de documentos culturais densos e ricos (DAVEL et al., 2019).

Para guiar a etnografia audiovisual, a pesquisa foi dividida em três fases: contextualização, concepção global e concepção focada. Na fase de contextualização, recolhemos informações sobre o bloco, buscando compreender sua história, seus objetivos e valores. Para a fase de concepção global, buscamos compreender a história do grupo, porém, com foco nas inovações culturais ligadas à territorialidade. Na terceira fase, de concepção focada, buscamos compreender o empreendedorismo cultural e territorial do bloco afro focado no Samba-afro, indumentárias, Noite da Beleza Negra e Escola Mãe Hilda.

Os dados foram coletados através de três tipos de técnica, sendo elas: pesquisa documental, dividida em documentos contextuais e documentos audiovisuais; observação, dividida em observação pela caminhada e observação pelo audiovisual e entrevistas semiestruturadas. Os documentos contextuais foram utilizados para recolher informações sobre o bloco, a fim de compreender sua história, seus objetivos e valores. Para isso, foram coletados e analisados documentos textuais, como livros, dissertações de mestrado, teses de doutorado e releases sobre o bloco afro, públicos e fornecidas pela própria organização, para complementar a etnografia audiovisual. Para a observação pela caminhada, foi utilizado o método chamado de “caminhada consciente”. A caminhada consciente é uma forma interativa de conhecimento, permitindo que não só a observação, mas todos os sentidos experimentem o entorno (JUNG, 2014). Através da caminhada foi observada a dinâmica de funcionamento do bairro da Liberdade/Curuzu, bem como a forma pela qual o território e seus habitantes se conectam com o Ilê Aiyê.

No caso da observação pelo audiovisual, a observação foi feita através dos documentos audiovisuais disponíveis online e de registros audiovisuais feitos pela pesquisadora durante as visitas ao bloco afro Ilê Aiyê e ao bairro da Liberdade/Curuzu. Os vídeos analisados foram produzidos por diversas organizações e indivíduos, sendo eles: TVE Bahia, Val Benvindo, Itaú Cultural, Geilson Souza, Portal Ibahia, Conexão Salvador, Governo da Bahia, Lourdes Fernandes, Petrobras, Okay Africa, Eletrobras. Carolina Moraes-Liu. Paint of the Globe Foundation, Povo de Axé, Na Trilha da Cultura e Ilê Aiyê. Os vídeos tratam de assuntos diversos, como a história do Ilê Aiyê, Noite da Beleza Negra, saída do Ilê no carnaval, blocos afro-baianos, samba-afro do Ilê e Escola Mãe Hilda.

As entrevistas semiestruturadas serviram como material auxiliar da etnografia audiovisual, ajudando a compreender o funcionamento da organização e de seus empreendimentos culturais. O objetivo da entrevista foi investigar história do bloco afro, a fim de compreender os objetivos do grupo e sua influência em seu território de atuação. Além disso, buscamos compreender como o bloco surgiu e se desenvolveu ao longo dos anos, bem como as influências do território sobre o Ilê Aiyê.

As informações foram analisadas de acordo com a abordagem da análise de narrativas temáticas, onde se explora o conteúdo de uma história, para identificar conceitos chaves ou conceitos comuns entre narrativas (MAITLIS, 2012). O processo de análise verificou a história do Ilê Aiyê, bem como a história de pessoas estratégicas na organização. Tal análise permitiu compreender como o Ilê se desenvolveu como um empreendimento cultural baseado em aspectos identitários e experienciais e como esses aspectos influenciaram suas inovações.

2.4 Uso pedagógico

O caso é adequado ao ensino em disciplinas que desejem discutir questões ligadas ao empreendedorismo cultural, territorialidade e identidade. O presente caso contribui para

enriquecer o ensino teórico e estimular o pensamento crítico dos estudantes. Para o uso do caso em sala de aula, sugerimos as seguintes atividades:

- a) Dividir a sala em grupos para a leitura do caso, com no mínimo 3 estudantes e no máximo 5.
- b) Os estudantes devem ter duas aulas disponíveis para a leituras dos textos base.
- c) Solicitar leitura do texto de Neves e Davel (2021) e elaboração, a cada equipe, de uma resposta para a Questão #1, a ser apresentada para a turma. Os grupos terão 20 minutos para discutir o texto e elaborar uma resposta.
- d) Apresentar as respostas que cada equipe elaborou para a Questão #1. As discussões podem ser realizadas logo após a apresentação de cada equipe ou no final de todas as apresentações. Os grupos terão 10 minutos para apresentarem suas respostas.
- e) Solicitar leitura dos textos de Neves e Davel (2021), Saquet e Briskievicz (2009) e Tuan (2013, cap.2) e, em seguida, solicitar elaboração, a cada equipe, de uma resposta para a Questão #2, a ser apresentada para a turma. Os grupos terão 25 minutos para discutirem os textos e elaborar uma resposta.
- f) Apresentar as respostas que cada equipe elaborou para a Questão #2. As discussões podem ser realizadas logo após a apresentação de cada equipe ou no final de todas as apresentações. Os grupos terão 10 minutos para apresentarem suas respostas.
- g) Solicitar leitura do texto de Marins e Davel (2018) e Neves e Davel (2021), e elaboração, a cada equipe, de uma resposta para a Questão #3, a ser apresentada para a turma. Nessa questão, os estudantes devem assumir o papel do estagiário e propor uma estratégia de gestão para a organização. Os grupos terão 20 minutos para discutir os textos e elaborar uma resposta.
- h) Apresentar as propostas que cada equipe desenvolveu a partir da Questão #3. As discussões podem ser realizadas logo após a apresentação de cada equipe ou no final de todas as apresentações. Os grupos terão 10 minutos para apresentarem suas respostas.

2.5 Questões para Discussão

Questão #1 – *Territorialidade do empreendedorismo*

- Com base em Neves e Davel (2021), qual é a importância da relação entre empreendedorismo e territorialidade no caso estudado?

Questão #2 – *A perspectiva da territorialidade como experiência indelével*

- Com base em Neves e Davel (2021), Saquet e Briskievicz (2009) e Tuan (2013, cap. 2), por que e como a perspectiva da experiência indelével melhora a compreensão da territorialidade do empreendedorismo?

Questão #3 – *Territorialidade do empreendedorismo no campo da arte e da cultura*

- Com base em Marins e Davel (2018) e Neves e Davel (2021), qual é a importância da territorialidade para o empreendedorismo no campo da arte e da cultura?

2.6 Análise do caso e conexão com a literatura

2.6.1 Questão #1

Empreendedorismo cultural refere-se a criação e implementação de ideias por indivíduos engajados em atividades artísticas e que aplicam, compartilham e distribuem trabalho criativo (ELIAS et al., 2017). A relação entre empreendedorismo, cultura e arte torna-se estratégica, a partir do momento em que a cultura passa a ocupar um lugar vital no desenvolvimento das sociedades e economia contemporânea (MARINS; DAVEL, 2018; GEHMAN; SOUBLIÈRE, 2017; HAUSMANN; HEINZE, 2016). As artes e culturais podem ser considerados instrumentos capazes de auxiliar no fomento a sustentabilidade das organizações culturais e

artísticas, como fonte de independência para indivíduos envolvidos com a economia criativa, além de serem componentes chave para o desenvolvimento de cidades criativas (KUHLKE et al., 2015). O empreendedorismo cultural e artístico apresenta grande potencial, pois enfrenta mudanças em maior velocidade do que outras áreas (MARINS; DAVEL, 2018). Através do empreendedorismo cultural, os atores sociais conseguem atingir grande autonomia ao desenvolver sua capacidade de adaptação e sustentabilidade, produzindo com seu trabalho não só valor econômico, como cultural, social e comunitário (KUHLKE et al., 2015).

O Ilê se destaca como uma organização empreendedora do ponto de vista da cultura, graças as suas iniciativas inovadoras que geraram impactos culturais, sociais e políticos no território da Liberdade/Curuzu e na cidade de Salvador desde o seu surgimento. Entre as atividades do bloco, quatro são destacadas no texto por seu caráter cultural inovador, onde a relação entre empreendedorismo e territorialidade se faz presente, sendo elas: o samba afro, as indumentárias, a noite da beleza negra e a escola mãe Hilda. O samba afro pode ser considerado uma inovação cultural graças a sua originalidade e impactos gerados no cenário musical baiano, principalmente no carnaval. O ritmo inovou ao misturar batidas de matriz africana, tradicionais do candomblé, com batidas do samba, gerando um novo ritmo baseado em aspectos característicos do território da Liberdade/Curuzu. O ritmo inspirou a criação de novos ritmos, como o samba reggae e o axé, que se tornaram marca registrada da musicalidade baiana. O samba afro do Ilê provocou uma revolução musical, no que o bloco chama de “reafricanização” do carnaval baiano, ao imprimir a identidade negra na musicalidade que, até então, era baseada em padrões europeus.

As indumentárias do Ilê inovam ao inserir no contexto baiano a estética, história e identidade africana em suas roupas. As experiências de vida da comunidade negra do território da Liberdade/Curuzu e os aspectos culturais do território do continente africano serviram de inspiração para a criação de uma estética que ajudasse na construção e fortalecimento da identidade dessas pessoas. A festa da Noite da beleza Negra se destaca como inovação cultural graças ao seu caráter visionário. Sendo o primeiro concurso de beleza negra do país, o evento é reconhecido mundialmente como referência na luta pelo fortalecimento da identidade e beleza da mulher negra. A Noite da Beleza Negra pode ser compreendida como uma estratégia do bloco afro para combater o modelo de beleza vigente em Salvador e no país, promovendo o empoderamento das mulheres negras e a sensação de orgulho em relação a sua beleza natural, valorizando os aspectos culturais e estéticos da comunidade negra. A Escola Mãe Hilda se destaca como inovação cultural ao romper o com modelo tradicional de ensino, inserindo a cultura negra e seus valores como base da educação. A escola inova ao desenvolver atividades culturais e socioeducativas com base na cultura negra, buscando capacitar escolas do território da Liberdade/Curuzu e bairros vizinhos com o novo modelo educacional.

Diante disso, é possível visualizar como empreendedorismo e territorialidade se relacionam no caso do Ilê Aiyê. A relação entre os temas se mostra importante, pois os empreendimentos se desenvolvem e são caracterizados pelo território. O desenvolvimento de tais inovações apenas se faz viável graças a uma compreensão profundo dos aspectos territoriais, culturais, sociais e políticos da Liberdade/Curuzu e da cidade de Salvador. Para o Ilê Aiyê, empreendedorismo e territorialidade se misturam de forma intuitiva, até atingirem um patamar de profissionalismo, onde a relação entre os dois campos se torna a chave da inovação do bloco.

Podemos identificar duas vias de relacionamento que demonstram a importância da relação entre empreendedorismo e territorialidade no caso do Ilê Aiyê. A primeira via diz respeito a importância de se compreender o contexto com o qual se trabalha. Para o empreendedor cultural, é necessário conhecer o quadro político, econômico, social e cultural do território de atuação. O contexto local é um composto das particularidades da comunidade local e do território, sendo necessário que o empreendedor cultural se familiarize com esse contexto (NEVES; DAVEL, 2021). No caso da construção do lugar, o processo significativo é centrípeto, com os valores provenientes de indivíduos, grupos e entidades envolvidas e fluxos (DUARTE, 2017).

No exemplo do Ilê, conhecer o contexto cultural, social e político não só do bairro da Liberdade/Curuzu, como da cidade de Salvador, foi fundamental para o estabelecimento do bloco e de suas inovações. Através da percepção da ausência de representatividade negra em contextos como as festas populares, música, moda, beleza e educação, o bloco enxerga uma oportunidade de inovar. Além disso, fica clara a influência de características do território de origem nas inovações culturais do bloco, como o uso de vários elementos do candomblé e samba. Tais características mostram como conhecer a fundo o território, seus pontos positivos e negativos, fez do Ilê um empreendimento cultural de sucesso. O candomblé é a religião predominante entre a comunidade negra do território do Curuzu, como o grande número de terreiros no local. Em relação ao samba, o território do Curuzu possuía escolas de samba tradicional, sendo uma das referências culturais do local, mas que com o tempo caiu em desuso.

A segunda via diz respeito ao campo da economia criativa. As economias criativas são abordadas do ponto de vista territorial, uma vez que ocorrem em territórios como bairros, cidades e países. No caso estudado, o Ilê possui papel fundamental no fomento às economias criativas no território da Liberdade/Curuzu e na cidade de Salvador, fazendo dele um ponto de referência cultural. Sua criação terminou por influenciar no surgimento de diversos blocos afro, como Olodum, Filhos da Liberdade e Arateku, além de suas inovações culturais terem gerado impactos profundos na cultura baiana. Um exemplo disso é o surgimento do samba-afro, fruto da união de dois ritmos característicos do território da Liberdade/Curuzu, que provocou uma revolução na musicalidade baiana, influenciando no surgimento de ritmos como o samba-reggae e o axé.

Outro momento em que essa via se faz presente é na obra de requalificação do território do Curuzu, onde o Ilê Aiyê influencia na transformação do território em um corredor cultural, fomentando as econômicas criativas no bairro. A influência do bloco aparece inclusive na decoração do corredor, que deve ser pintado com as cores do bloco. A influência do bloco no território também pode ser amplamente vista no campo da estética, uma vez que o Ilê Aiyê foi responsável pela introdução de influências africanas na moda da comunidade negra local, mudando completamente a forma como essas pessoas se apresentam diante da sociedade.

2.6.2 Questão #2

A perspectiva da territorialidade como experiência identitária considera que o território é uma dimensão crucial para a construção identitária, ao passo que a construção e fortalecimento da identidade dependem da forma como ser o humano experimenta o território que ocupa (NEVES; DAVEL, 2021). Dentro dessa perspectiva, entende-se que a identidade territorial é fruto das experiências vividas pelos atores sociais que o compõe. No contexto do empreendedorismo cultural, a territorialidade como experiência identitária considera que

empreendimentos culturais se apoiam em experiências vividas e crenças pessoais, buscando compreender o processo pelo qual os empreendedores experimentam e interagem com um ambiente. Diante disso, no contexto da territorialidade como experiência identitária, a territorialidade, identidade e experiência, quando compreendidas em conjunto, são capazes de influenciar e caracterizar os empreendimentos culturais (NEVES; DAVEL, 2021).

A perspectiva da territorialidade como experiência identitária melhora a compreensão da territorialidade do empreendedorismo através de dois aspectos principais. O primeiro deles é auxiliar na compreensão das dimensões territorial e identitária para o empreendedorismo. Dentro da perspectiva, a territorialidade pode ser compreendida como um processo de relações sociais, políticas e culturais e econômicas de um grupo social (SAQUET; BRISKIEVICZ, 2009). A força política e cultural dos grupos sociais que habitam um território influencia diretamente na formação da sua identidade territorial, ao passo em que a cultura possui a capacidade de moldar a identidade ao dar sentido às escolhas identitárias (NEVES; DAVEL, 2021).

No caso do Ilê Aiyê, o primeiro aspecto se faz presente a partir do momento em que a perspectiva da experiência identitária se apresenta tanto na ideia da criação do bloco, como em suas inovações desenvolvidas ao longo do tempo. Para o Ilê Aiyê, as experiências vividas pelos indivíduos do território da Liberdade/Curuzu foram fundamentais para a formação e fortalecimento da identidade local e das inovações culturais. Através da compreensão da dimensão territorial, O Ilê Aiyê desenvolveu inovações culturais representativos, baseados nas experiências da comunidade, ajudando na solução de uma série de preocupações culturais, políticas e sociais. No caso, isso pode ser visto nos momentos em Carlos explica a Robson quais aspectos do território influenciaram na formação da identidade do bloco, bem como nos momentos em que as iniciativas empreendedoras são caracterizadas pelos personagens.

O segundo aspecto é a compreensão de que a experiência é parte fundamental para a compreensão dos aspectos identitários de um território. A experiência é constituída de sentimento e pensamento, sendo definida como a capacidade de aprender a partir das próprias vivências (TUAN, 2013). Para compreender de forma ampla um território, é necessário analisar os aspectos identitários inerentes ao local. Por sua vez, para compreender os aspectos identitários, é necessário analisarmos as experiências vividas pelos atores sociais que compõe e dão vida ao território. A forma como esses indivíduos se movimentam e compreendem um território é diferenciada pela experiência, não sendo possível definir o indivíduo, a comunidade e a sociedade sem inseri-los num determinado contexto territorial (NEVES; DAVEL, 2021).

O segundo aspecto se faz presente no caso do Ilê Aiyê através de suas inovações culturais. As questões identitárias ligadas ao território serviram de base para o desenvolvimento das principais inovações do bloco, não sendo possível compreender tais inovações desassociados do seu território de origem. O aprendizado a partir das experiências vividas pelos atores sociais do bloco e a compreensão ampla do contexto cultural, social e político do território permitiu o desenvolvimento de atividades inovadoras, com forte ligação com o território. Através dessas atividades, o bloco afro dissemina a cultura local, angariando novos seguidores e fortalecendo a identidade dos moradores locais.

2.6.3 Questão #3

O empreendedorismo apresenta uma série de impactos no campo da arte e da cultura. O empreendedorismo artístico apresenta um grande potencial, graças a grande velocidade de

mudanças que enfrenta em comparação com outras áreas (MARINS; DAVEL, 2020). Os impactos envolvem não só organizações, como pessoas, regiões, gestores culturais, artistas, críticos, educadores, líderes comunitários, formadores de políticas e acadêmicos (MARINS; DAVEL, 2020).

Os impactos podem ser divididos em econômico, cultural, artístico, social e político (Quadro 3).

Quadro 3 – Impactos do empreendedorismo no campo da arte e da cultura

Tipo	Impactos
Econômico	Positivos diretos: Criação de micro, pequenas e médias empresas. Aumento e diferenciação de empregos como aqueles intermediários. Produção criativa. Investimentos públicos e privados. Mitigação de falhas de mercado. Lucro e riqueza individual. Positivos indiretos: Aumento do PIB. Desenvolvimento e crescimento endógeno em pequenas e rurais comunidades de países em desenvolvimento. Mudanças regionais urbanas. Incremento de setores como o do turismo. Negativos: Precarização do trabalho e exploração pelo mercado: baixa remuneração, alta carga de trabalho, riscos. Aumento de custos. Competição. Imposição de ideologias econômicas não reconhecidas.
Cultural	Positivos diretos: Realização e sustentabilidade de valores culturais e sociais. Estímulo à manutenção de tradições como parte da identidade. Fortalecimento de laços sociais. Difusão da cultura popular. Formação de organizações populares sem fins lucrativos. Experiências cognitivas, emocionais e multissensoriais de longa duração para diferentes públicos. Positivos indiretos: Alteração de paisagens culturais. Agregação de valor cultural em produtos tradicionais. Criação de empresas com valor social e cultural. Geração de mudança, valorização e transformação. Inovação cultural e estética. Negativos: Desproteção, mercantilização, empreendedorização e economização da cultura e do patrimônio cultural. Perpetuação de valores excludentes e opressores. Possível entorpecimento e perda de autenticidade em produtos, serviços e organizações. Influência negativa em atitudes e comportamento dos consumidores. Valores como impositores de empecilhos ao comportamento empreendedor.
Artístico	Positivos diretos: Ampliação e diversificação de manifestações artísticas locais. Criação de organizações. Oferta de artistas independentes. Alteração das redes locais. Fortalecimento de identidades artísticas. Resposta emocional positiva: alegria, felicidade, gentileza. Geração de interpretações, significados e habilidades criativas. Preservação de valores. Autenticidade. Formação de senso crítico e engajamento social. Positivos indiretos: Externalidades como capital humano criativo. Mudanças ecológicas, sociais, tecnológicas, identitárias, ambientais, pessoais, comunitárias. Imbricação de perspectivas consolidando a arte empreendedora. Negativos: Restrita e supervalorizada seleção de artistas. Restrição de limites à criatividade, autenticidade, senso crítico e engajamento social. Desrespeito à diversidade com imposição de valores homogêneos. Competição e homogeneização de projetos. Redução da atmosfera criativa frente à projetos de urbanização. Tensões entre artistas e estruturas de apoio com aumento de disputas de poder. Fortalecimento de dicotomias: nicho ou massa, bem ou performance, sustento ou riqueza, padrão e experiência íntima.
Social	Positivos diretos: Projeção, retorno social e coesão social. Diversificação da oferta de entretenimento local, questionamento e transformação de valores sociais. Ampliação da sensação de prazer e felicidade. Positivos indiretos: Qualidade de vida e desenvolvimento comunitário. Cidadania. Mudança qualitativa de espaços vulneráveis. Integração. Negativos: Ampliação da exclusão de setores e indivíduos marginalizados: idosos, mulheres, etnias. Precarização e exploração do trabalho. Concentração em áreas centrais, desatenção às periferias. Falta de diversidade.

Político	Positivos diretos: Geração e atualização de políticas de estímulo e regulação para o empreendedorismo, arte e cultura, educação empreendedora e territórios. Positivos indiretos: Mitigação de falhas do mercado. Estímulo à educação empreendedora especializada. Estímulo à identidade local, regional, nacional. Negativos: Redução de responsabilidades financeiras do Estado. Aumento da pressão por obtenção de lucro em instituições culturais. Homogeneidade e desatualização de políticas. Desarticulação institucional. Seletividade e favoritismo de setores e projetos.
----------	---

Fonte: Marins e Davel (2020)

No caso do Ilê, é possível observar como os impactos se dão na prática. O destaque se dá nos impactos culturais positivos diretos, como realização e sustentabilidade de valores culturais e sociais, estímulo à manutenção de tradições como parte da identidade, fortalecimento de laços sociais, difusão da cultura popular e formação de organizações populares sem fins lucrativos, que podem ser percebidos na criação, desenvolvimento e manutenção das inovações culturais do bloco. Também se fazem presentes no caso os impactos artísticos positivos diretos, como ampliação e diversificação de manifestações artísticas locais; criação de organizações, oferta de artistas independentes, alteração das redes locais e fortalecimento de identidades artísticas; artísticos positivos indiretos, como externalidades como capital humano criativo, mudanças sociais, identitárias, pessoais e comunitárias; sociais positivos diretos, como projeção, retorno social e coesão social, diversificação da oferta de entretenimento local, questionamento e transformação de valores sociais; sociais positivos indiretos, como qualidade de vida e desenvolvimento comunitário., cidadania e mudança qualitativa de espaços vulneráveis; políticos positivos diretos, como geração e atualização de políticas de estímulo e regulação para o empreendedorismo, arte e cultura, educação empreendedora e territórios; e políticos positivos indiretos, como estímulo à identidade local, regional, nacional.

Podemos também apontar discutir a importância da territorialidade no contexto das artes e empreendedorismo cultural a partir de dois pontos principais. O primeiro aspecto diz respeito ao fato de a relação entre empreendedorismo e território estar intimamente ligado às economias criativas (MARINS; DAVEL, 2018). As economias criativas e culturais são abordadas do ponto de vista territorial, uma vez que ocorrem em territórios como bairros, 25 cidades e países. O território é uma porção de espaço onde entidades e fluxos, ou objetos e ações, estão impregnados de valores que refletem a cultura de uma pessoa ou grupo (DUARTE, 2017). Diante disso, os estudos sobre empreendedorismo têm se conectado com territórios como bairros, cidades e países buscando compreender como eles se desenvolvem e se tornam locais de crescimento econômico e industrial, centros de inovação e criatividade, arena para profissionais criativos e para minorias (NEVES; DAVEL, 2021).

No caso do Ilê Aiyê, a cultura e as artes estão intimamente ligadas ao território, uma vez que as principais manifestações culturais e artísticas do bloco são fruto das dinâmicas diárias do bairro da Liberdade e Curuzu. O empreendedorismo cultural requer a interação das experiências vividas e crenças pessoais com um ambiente, fazendo da territorialidade parte importante da caracterização desse empreendimento (NEVES; DAVEL, 2021). Uma característica importante do território é que ele é constituído desde que haja um sistema de valores compartilhados por aqueles ocupando essa parte do espaço. É este sistema de valores que determina filtros culturais e a forma como as entidades e fluxos devem ser organizados para marcar esta parte do espaço de uma maneira particular (DUARTE, 2017). No caso do Ilê, a existência desse sistema de valores compartilhado foi fundamental para que o empreendimento obtivesse sucesso. Os valores compartilhados pelos moradores do território do Curuzu caracterizaram as inovações culturais do bloco, com os mesmos se adaptando ao desenvolvimento e fortalecimento desses valores ao longo de sua existência.

O segundo aspecto refere-se às artes e empreendedorismo cultural servirem de dispositivos para ajudar a solucionar preocupações da sociedade, como chave no desenvolvimento de territórios criativos, como uma forma de fomentar a sustentabilidade das artes e como fonte de independência para indivíduos na economia criativa (NEVES; DAVEL, 2021). Muitas empresas artísticas e culturais podem ser vistas como parte do panorama de empresas sociais, onde a estratégia de negócios metas sociais e culturais (KUHLE et al., 2015).

A cultura impacta positivamente organizações e territórios onde a economia criativa é crucial. Isso se faz presente na história do empreendedorismo cultural e territorial do Ilê, onde a Liberdade e o Curuzu deixam de ser vistos como locais estigmatizados e se tornam um território de economia criativa e cultural. Para abordar isso, os estudantes devem observar as medidas adotadas pela prefeitura em conjunto com o Ilê para revitalização do território do Curuzu, transformando-o em corredor cultural.

Outro aspecto importante a se observar é o fato de as cidades terem a capacidade de desenvolver o papel das artes e da cultura no desenvolvimento da economia, turismo e agendas de qualidade de vida por meio da criação planos. Um plano cultural é um processo estratégico para o desenvolvimento artístico e cultural de uma cidade, tendo como objetivo final aumentar a consciência da arte e da cultura e identificar oportunidades na economia criativa nas cidades e regiões (KUHLE et al., 2015). No caso estudado, o empreendedorismo cultural e territorial do Ilê é reconhecido pelo governo como importante para o desenvolvimento das econômicas criativas da cidade de Salvador.

REFERÊNCIAS

- AFOLABI, N. **Ilê Aiyê in Brazil and the Reinvention of Africa**. New York: Palgrave Macmillan, 2016.
- DUARTE, F. **Space, Place and Territory: A critical review on spatialities**. London: Routledge, 2017.
- ELIAS, S. R. S. T. A.; CHILES, T. H.; DUNCAN, C. M.; VULTEE, D. M. The Aesthetics of Entrepreneurship: How Arts Entrepreneurs and their Customers Co-create Aesthetic Value. **Organization Studies**, v. 39, n. 2–3, p. 345–372, 2018.
- GEHMAN, J.; SOUBLIÈRE, J. Cultural Entrepreneurship: from Making Culture to Cultural Making. **Inovation**, V19, n.1, p. 1-13, 2017.
- HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2011.
- HARTLEY, J.; WEN, W.; LI, H. S. **Creative Economy and Culture: Challenges, Changes and Futures for the Creative Industries**. London: SAGE Publications, 2015.
- HAUSMANN, A.; HEINZE, A. Entrepreneurship in the cultural and creative industries: insights from an emergent field. **Artivate: A Journal of Entrepreneurship in the Arts**, v. 2, n. 5, p. 7-22, 2016.
- HOW Ilê Aiyê brought blackness back to carnival**. Produção: Okay Africa. [S. l.: s. n.], 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_zYo1LxyBOM&list=PL-eX3beH42W9W0Mk3q3jjH3y4aIGfu8ZO&index=17. Acesso em: 13/03/2020.
- ILÊ Aiyê elege nova Deusa do Ébano**. Produção: Conexão Salvador. [S. l.: s. n.], 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rHNDE5yvmYk&list=PL-eX3beH42W9W0Mk3q3jjH3y4aIGfu8ZO&index=3>. Acesso em: 22/01/2020.
- ILÊ AIYÊ OFICIAL. **Site Oficial do Bloco Afro Ilê Aiyê**. Disponível em: <http://www.ileaiyeoficial.com/>. Acesso em 01/10/2019.
- ILÊ Aiyê**. Produção: Eletrobras. [S. l.: s. n.], 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=onWzWtbc8EA&list=PL-eX3beH42W9W0Mk3q3jjH3y4aIGfu8ZO&index=9>. Acesso em: 13/03/2020.
- ILÊ Aiyê: house of the World**. Produção: Paint of the Globe Foundation. [S. l.: s. n.], 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=j5QEhobTvS8&list=PL-eX3beH42W9W0Mk3q3jjH3y4aIGfu8ZO&index=11>. Acesso em: 13/03/2020.
- IMAS, J. M.; WILSON, N.; WESTON, A. Barefoot entrepreneurs. **Organization**, v. 19, n. 5, p. 263 – 285, 2012.
- INSTAGRAM oficial Ilê Aiyê**. [S. l.], 2020. Disponível em: <https://www.instagram.com/blocoileaiye/>. Acesso em: 26/01/2020.
- KUHLKE, O., SCHRAMME, A., KOOYAMA, R. **Creating Cultural Capital: Cultural Entrepreneurship in Theory, Pedagogy and Practice**. Utrecht: Eburon Academic Publishers, 2016.
- MAITLIS, S. Narrative analysis. In: SYMON, G.; CASSELL, C. (Ed.). **Qualitative organizational research: core methods and current challenges**. Los Angeles: Sage Publications, 2012.
- MARINS, S.; DAVEL, E. P. B. Empreendedorismo na Cultura e na Arte: Passado e Futuro da Produção Acadêmica. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v 7. n. 3, p. 406-44, 2021.
- NEVES, J. N. d. R.; DAVEL, E. P. B. A Territorialidade do Empreendedorismo: Perspectivas e Desafios para o Empreendedorismo Cultural. **Gestão & Regionalidade**, 37, n. 112, p. 269-284, 2021.
- OLIVEIRA, V. S. **Ara-ítan: A dança de uma rainha, de um carnaval, de uma mulher**. Dissertação (Mestrado). Salvador, Universidade federal da Bahia, 2016.

- SAQUET, M. A.; BRISKIEVICZ, M. Territorialidade e identidade: um patrimônio no desenvolvimento territorial. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 1, n. 31, p. 3-16, 2009.
- SILVA, C. A. **Os belos, o trânsito e a fronteira: um estudo sócio-antropológico sobre o discurso autoreferente do Ilê Ayê**. Salvador: Pinaúna Editora, 2016.
- SITE oficial Ilê Aiyê**. [S. l.], 2020. Disponível em: <https://www.ileaiye.com.br>. Acesso em: 26/01/2020.
- STEYAERT, C.; KATZ, J. Reclaiming the space of entrepreneurship in society: geographical, discursive and social dimensions. **Entrepreneurship & Regional Development**, v. 16, n. 3, p. 179-196, 2004.
- TAYLOR, S. What Is Innovation? A Study of the Definitions, Academic Models and Applicability of Innovation to an Example of Social Housing in England. **Open Journal of Social Sciences**, n. 5, p. 128-146, 2017.
- TUAN, Y. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Londrina: EDUEL, 2013.